

DESCRIÇÃO DE LÍNGUAS INDÍGENAS: HISTÓRICO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Áurea Cavalcante Santana¹

Perpetuando-se, mesmo através de grandes perdas, as línguas propõem-nos um modelo de imortalidade. Almas sem limites e sem contornos, as línguas são reflexos do infinito.

Claude Hagège (2000, p.19)

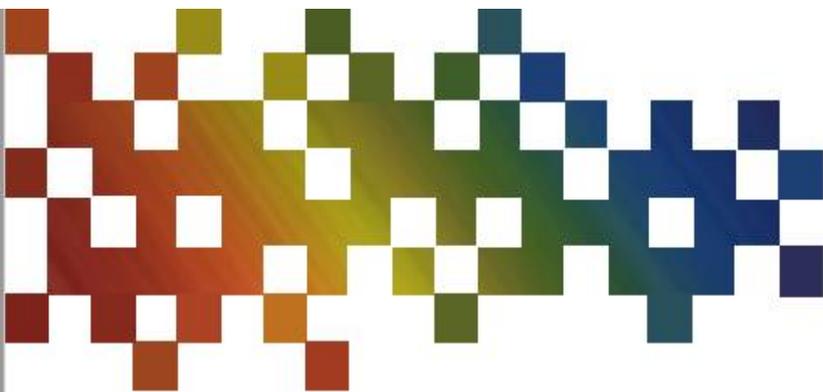
RESUMO: Neste artigo, são apresentadas discussões sobre os desafios e perspectivas das atividades de pesquisa sobre descrição de línguas indígenas brasileiras. Inicia-se com um panorama da diversidade linguística nacional e mato-grossense, focando em alguns aspectos históricos do percurso da pesquisa com linguística indígena nas instituições acadêmicas. Para isso são apresentados levantamentos, realizados em Bibliotecas Digitais e Repositórios Institucionais das Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado com temas específicos sobre descrição de línguas indígenas. Por fim, destacam-se entraves e desafios presentes nesta área de pesquisa, mas também algumas perspectivas baseadas em experiências e iniciativas positivas, bem como necessidades que se consideram ser essenciais para o avanço nas pesquisas com a descrição de línguas indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: línguas indígenas, descrição de línguas, pesquisa linguística.

DESCRIPTION OF INDIGENOUS LANGUAGES: HISTORY, CHALLENGES AND PERSPECTIVES

ABSTRACT: This article presents discussions on the challenges and perspectives of research activities for the description of Brazilian indigenous languages. It begins with an overview of the linguistic diversity in Brazil and in the State of Mato Grosso, focusing on some historical aspects of the course of research with indigenous Linguistics in academic institutions. To do so, we present surveys carried out in Digital Libraries and Institutional Repositories of Master's and PhD Theses with specific themes on the description of indigenous languages. Finally, we highlight the obstacles and challenges found in this area of research, some perspectives based on

¹ Prof.^a Dr.^a em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2012). Foi professora da Fundação Nacional do Índio - FUNAI. Atua nos cursos de Graduação em Letras (Licenciatura) e na Pós-Graduação, nas áreas de Português e Linguística. Coordena o Projeto de Pesquisa: Estudos, Descrição e Documentação de Línguas Indígenas e participa também da Ação Saberes Indígenas na Escola. Tem se dedicado, ao longo dos últimos 13 anos, ao estudo das línguas indígenas, em especial das línguas Chiquitano e Wakalitesu/Nambikwara.



positive experiences and initiatives, as well as needs that are considered to be essential for the advancement of research on the description of indigenous languages.

KEYWORDS: indigenous languages, description of languages, linguistic research.

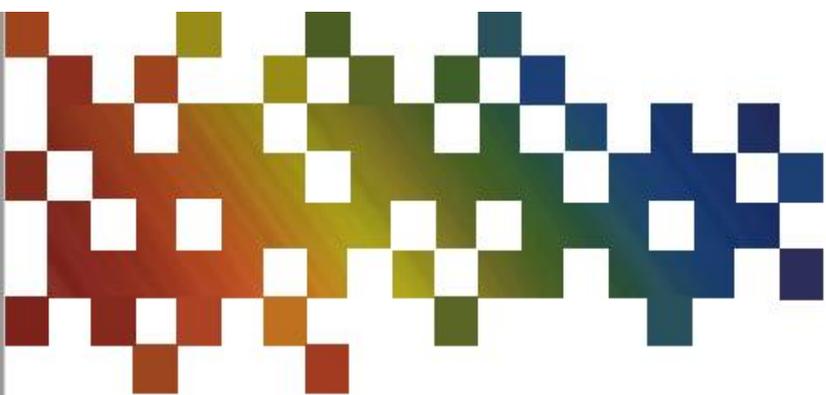
DESCRIPCIÓN DE LENGUAS INDÍGENAS: HISTÓRICO, DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS

RESUMEN: En este artículo, se presentan discusiones sobre los desafíos y perspectivas de las actividades de investigación sobre descripción de lenguas indígenas brasileñas. Se inicia con un panorama de la diversidad lingüística nacional y mato-grossense, enfocando en algunos aspectos históricos del recorrido de la investigación con lingüística indígena en las instituciones académicas. Para ello se presentan levantamientos, realizados en Bibliotecas Digitales y Repositorios Institucionales de las Disertaciones de Maestría y Tesis de Doctorado con temas específicos sobre descripción de lenguas indígenas. Por último, se destacan obstáculos y desafíos presentes en esta área de investigación, pero también algunas perspectivas basadas en experiencias e iniciativas positivas, así como necesidades que se consideran esenciales para el avance en las investigaciones con la descripción de lenguas indígenas.

PALABRAS CLAVE: lenguas indígenas, descripción de idiomas, investigación lingüística.

Introdução

Hoje, no Brasil, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), são faladas mais de 300 línguas, considerando as línguas dos imigrantes e mais de 270 línguas indígenas. A diversidade das línguas indígenas brasileiras compõe uma das mais ricas do mundo, tanto de natureza tipológica, quanto de natureza genética. São dois Troncos Linguísticos predominantes: o Tupi com 10 famílias e o Macro-Jê com 12 famílias; duas grandes famílias como a Aruak e a Karib e outras famílias menores como Pano, Tukano, Katukina, Txapakura, Arara, Nambikwara, Yanomami, Maku, Arawa, Bora, Guaikuru e Mura, as quais, ainda, não puderam ser identificadas e ou relacionadas a nenhum dos troncos predominantes. Existem, também, línguas denominadas “não classificadas ou isoladas”, que não foram Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.38.1, p. 01-192, maio-agosto.2018.



incluídas dentro de alguma família já estudada, seja pela singularidade genética, seja pela falta de estudos (RODRIGUES, 1999, 2005, 2014; MOORE & GALUCIO, 2008).

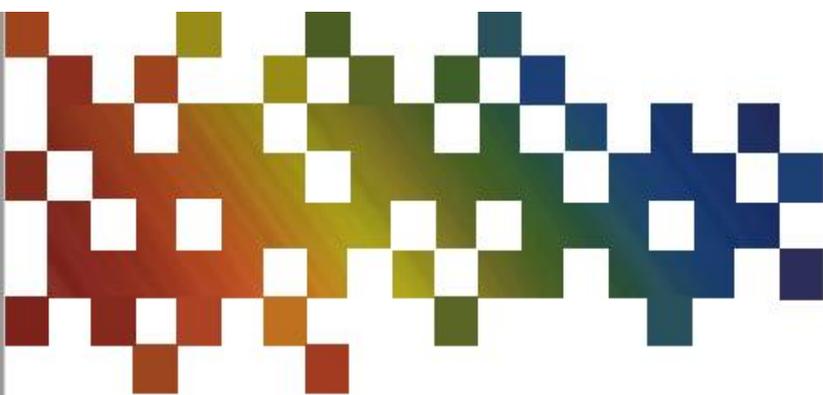
Mato Grosso reflete igualmente a situação plurilíngue, multiétnica e multilinguística do país. Os povos que aqui vivem fazem de Mato Grosso um Estado peculiar em riqueza de culturas, costumes, tradições, valores, conhecimentos e organização social. Há, aqui, cerca de 40 povos indígenas, falando 34 línguas distintas (SANTANA e DUNCK-CINTRA, 2009). Dados do último censo do IBGE (2010) mencionam aproximadamente 40.000 indígenas em Mato Grosso, um pouco mais de 2% da população do Estado.

A manutenção dessa diversidade e da grande riqueza linguística exige, na atualidade, o enfrentar de enormes desafios. Se levarmos em consideração os dados técnicos e acadêmicos para a sobrevivência das línguas, mais da metade das línguas nativas do Brasil e, conseqüentemente, de Mato Grosso, estão ameaçadas de extinção, devido aos seus números reduzidos de falantes e à baixa transmissão a novas gerações. Por isso, é tão importante pensar na sobrevivência das línguas, pois assim estaremos pensando, também, na sobrevivência dos povos brasileiros e de suas culturas.

Há mais de 5 décadas, Aryon Rodrigues, um dos pioneiros nos estudos das línguas indígenas brasileiras, chamava a atenção para o desaparecimento das línguas nativas (RODRIGUES, 1966, p. 5) declarando que:

[...] a quantidade de línguas que subsistem ainda hoje, embora sendo somente uma parte do que já se falou, é ainda um número considerável – cento e tantas. Todas elas, entretanto, estão ameaçadas de desaparecer dentro de muito poucos anos. É possível que, daqui a 20 anos, já não se possa mais investigar sequer metade das línguas presentemente faladas por índios no interior do país (RODRIGUES, 1966, p. 5).

Hoje, apesar de o panorama um pouco melhor e de um número de línguas indígenas sobreviventes estar maior do que previu Rodrigues na década de 60, a



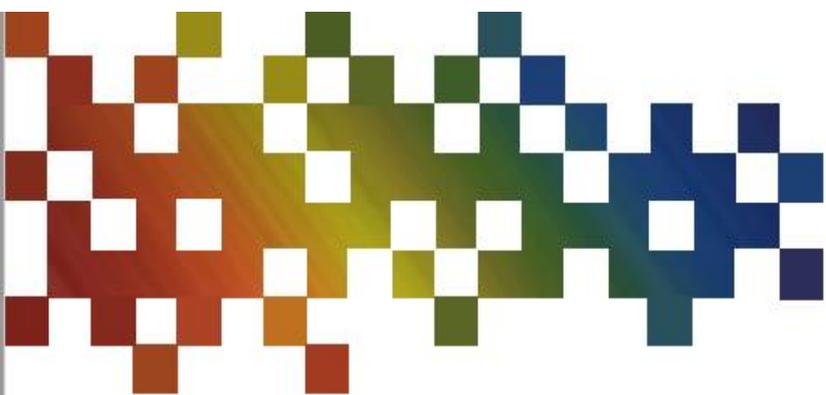
sobrevivência das línguas nativas, ainda, é muito crítica e os desafios continuam. Para Barbosa (2004, p. 55), ainda que a integridade física dos índios, mesmo sob ameaças, esteja em melhores condições, as perdas culturais subsistem, silenciosamente: “um censo populacional não revela as agressões da alma. Língua é uma questão de alma, de essência, de autovalorização, assim como outros aspectos da cultura indígena”.

Por isso, uma das grandes preocupações da área das políticas linguísticas, na atualidade, é evitar, por um lado, que as línguas minoritárias desapareçam e, por outro, que as diferentes sociedades minoritárias disponham de programas de fortalecimento e condições mínimas para a manutenção de suas línguas étnicas. Em consonância com tais demandas, os estudos descritivos e registros das línguas são essenciais, necessários e urgentes, pois a falta desses constituem-se em entraves para a lida com as línguas diante dos novos contextos culturais, em especial para a implantação de programas educacionais de ensino das línguas étnicas nas escolas indígenas, direitos reconhecidos pela Constituição de 1988. Tais tarefas constituem-se em grande responsabilidade e, também, de inúmeras dificuldades, já que devem estar concatenadas com a relevância científica das pesquisas (RODRIGUES, 1966; SEKI, 2000).

Por isso mesmo, é fundamental dar a conhecer e incentivar estudos que tocas as Línguas Indígenas do Brasil.

Breve Histórico sobre os Estudos das Línguas Indígenas no Brasil

Segundo Seki (1999), muito pouco se fez com relação ao estudo das línguas indígenas até os anos 50 do século XX. O que foi produzido nos três séculos após a chegada dos primeiros colonizadores no Brasil são algumas gramáticas e observações sobre aspectos linguísticos de línguas Tupi, produzidos pelos missionários jesuítas. Registra-se, também, no período colonial, as “aventuras do alemão Hans Staden entre os Tupinambá” (BARBOSA, 2004, p. 57).



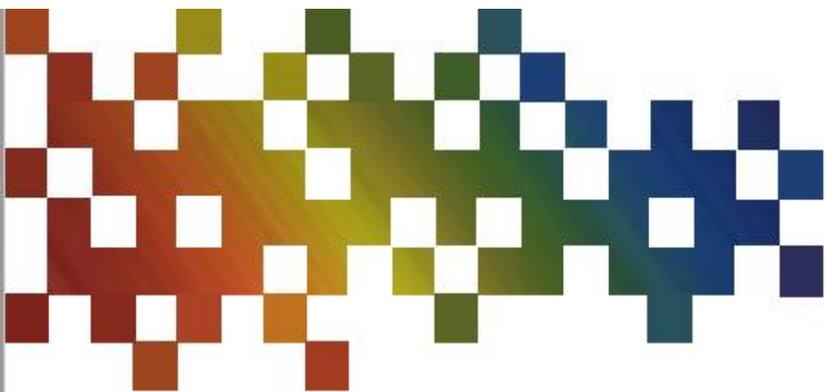
Após o período colonial, já no final do séc. XIX e início do séc. XX, pesquisadores/viajantes estrangeiros e brasileiros (geógrafos, naturalistas, etnólogos e missionários) como Karl von den Steinen, Wied-Neuwied, Martius, Castelnau, Koch-Grümbert, Manizer, Couto de Magalhães, Capistrano de Abreu, Visconde de Taunay, Val Floriana, A. Giaconi, Fidelis de Alviano e A. Kruse tiveram contato com os povos nativos e fizeram observações, coleta de vocabulários e registros sobre suas línguas. Tais documentos, segundo Seki (2000, p.240), consistem, basicamente, em listas lexicais, transcrições e traduções sendo, muitas delas, “precárias e impressionísticas”, mas que, apesar dos trabalhos desses pesquisadores não terem como objetivos central os estudos linguísticos, tiveram importância por terem “dado atenção às línguas não tupi permitindo “análises comparativas que serviram de base para o trabalho de classificação inicial de nossas línguas”.

Ainda, segundo a autora (SEKI, 1999, p. 261), “em muitos casos, constituem a única informação sobre línguas hoje extintas” e ressalta a excelência de alguns trabalhos deixados pelos missionários e viajantes como “o de Anchieta, sobre o Tupi, o de Steinen, sobre o Bakairi, o de Capistrano, sobre o Kaxinawá, que são reconhecidos como sendo mais elucidativos do que muitos produzidos por lingüistas contemporâneos”.

Barbosa (2004, p. 58) baseada em informações de Aryon Rodrigues, menciona que: de 1914 a 1940, houve poucos estudos sobre as línguas indígenas. No fim dos anos 50, foi feito um convênio entre o Museu Nacional e o *Summer Institute of Linguistics* (SIL)² com o propósito de estabelecer um plano de estudos das línguas indígenas brasileiras. Tal convênio, afirma Seki (2000, p. 236):

[...] recebeu apoio no meio antropológico, pois esperava-se que os linguistas do *Summer* não só tomariam para si a tarefa de descrever as línguas indígenas ‘salvando-as’ para a posteridade, como também

² Instituição norte americana formada por missionários linguistas de diversas nacionalidades. Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.38.1, p. 01-192, maio-agosto.2018.

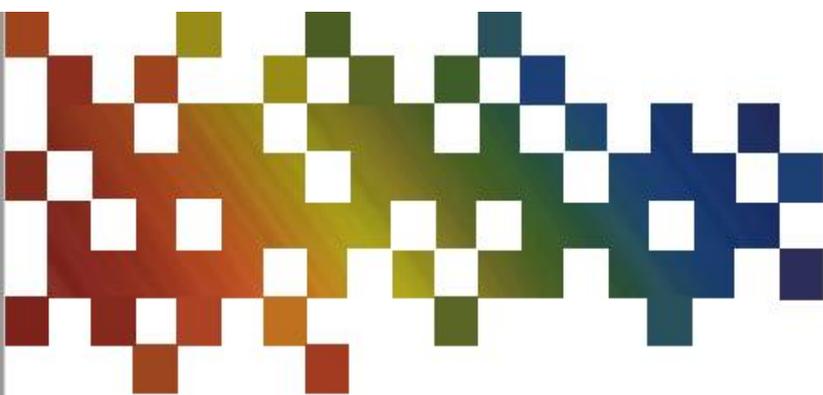


iriam contribuir para a formação de linguistas brasileiros (SEKI, 2000, p. 236).

Para Seki (2000, p. 237), a presença do SIL nas comunidades indígenas brasileiras, apesar de ter contribuído para o início da chamada “Linguística Indígena”, não atingiu as expectativas geradas; não houve formação de linguistas brasileiros e os estudos e pesquisas produzidos, apesar de significativo, ficaram, segundo a autora (Seki, 2000, p.237), “aquém do esperado, considerando-se o período abrangido, as excelentes condições de pesquisas disponíveis e o tempo despendido pelos linguistas junto às comunidades falantes das línguas”. A autora declara, ainda, que a presença dos missionários criou alguns estereótipos como a falsa ideia da necessidade de permanência prolongada do pesquisador em campo para poder pesquisar uma língua indígena e propagou, ainda, a premissa de que as línguas indígenas nacionais já estavam sendo estudadas por “linguistas competentes”, criando uma barreira para novos projetos. Esses estereótipos, segundo ela, podem ter desestimulado, nas décadas que se seguiram, ingresso de estudantes e outros pesquisadores estrangeiros nos territórios indígenas brasileiros³.

Mais tarde, a implantação do ensino de Linguística no Brasil nas décadas de 60 e 70 trouxe expectativas promissoras a respeito do estudo das línguas indígenas, mas segundo Seki (1999), apesar do campo favorável e do interesse de pesquisadores, a área da linguística indígena foi uma das que mais tardaram em se constituir na Linguística brasileira. Somente a partir das décadas de setenta e oitenta é que houve avanços tanto na formação de linguistas brasileiros quanto na pesquisa com as línguas indígenas, como pode ser comprovado em Seki (1999, p.267):

³ Estas ideias ficaram tão arraigadas que, hoje em dia, passados mais de 50 anos, ainda estão presentes nos meios acadêmicos e também nas comunidades indígenas.



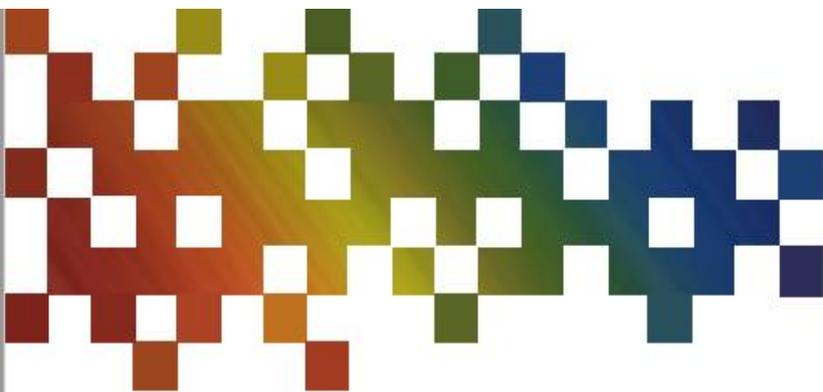
Nos resultados do mapeamento, feito por França et alii, da produção lingüística publicada nos Anais de Seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL) no decorrer de 25 anos (1978-1992), dentre 550 trabalhos elaborados com base em dados de línguas naturais, 83,1% se referem ao Português, e apenas 4,2% a línguas indígenas (SEKI, 1999, p. 267).

Em 1985, Aryon Rodrigues (*apud* Seki, 1999) apresentou um levantamento sobre a situação da pesquisa de línguas indígenas brasileiras, no período de 1963 a 1983 e mencionou que, neste espaço de tempo, cerca de 100 línguas indígenas tiveram algum tipo de estudo, totalizando 173 títulos. Para Rodrigues, esse número, apesar de significativo, deixou a desejar, considerando as boas condições de trabalho dos pesquisadores e o comprometimento dos linguistas do SIL.

Mattoso Câmara e Aryon Rodrigues, pioneiros nas pesquisas lingüísticas no Brasil, tiveram papel relevante na implantação e a institucionalização da Linguística nas universidades, bem como no incentivo à formação de pesquisadores/linguistas. Assim, a partir da década de 70, com a participação crescente de brasileiros, os estudos e pesquisas sobre as línguas indígenas tomaram corpo e o avanço dos trabalhos acadêmicos e publicações foi gradativo e significativo (SEKI, 1999). A seguir apresentamos um levantamento desses trabalhos acadêmicos e publicações.

Demonstrativos de Pesquisas Acadêmicas sobre Línguas Indígenas

Em 2007, Mori (2007) apresentou um levantamento de Teses e Dissertações sobre línguas indígenas apresentadas/defendidas no Instituto de Linguagens da Unicamp (IEL) e listou, para o período de 1977 a 2008, 51 Dissertações de Mestrado e 36 Teses de Doutorado. Nesse levantamento, Mori (2007, p. 109, 110) chamou a atenção para os primeiros trabalhos acadêmicos sobre línguas indígenas: uma Dissertação de Mestrado sobre a Fonologia do Guarani Antigo de Daniele Rodrigues, defendida em 1974; e uma



de Tese de Doutorado sobre sobre o Pirahã, língua da família linguística Mura de Daniel Everett, defendida em 1983. Dentro deste pioneirismo da Unicamp, registra-se também Dissertação de Mestrado do indígena Nanblá Gakran, sobre aspectos morfossintáticos da língua Iaklãõ (Xokleng)⁴, defendida em 2005.

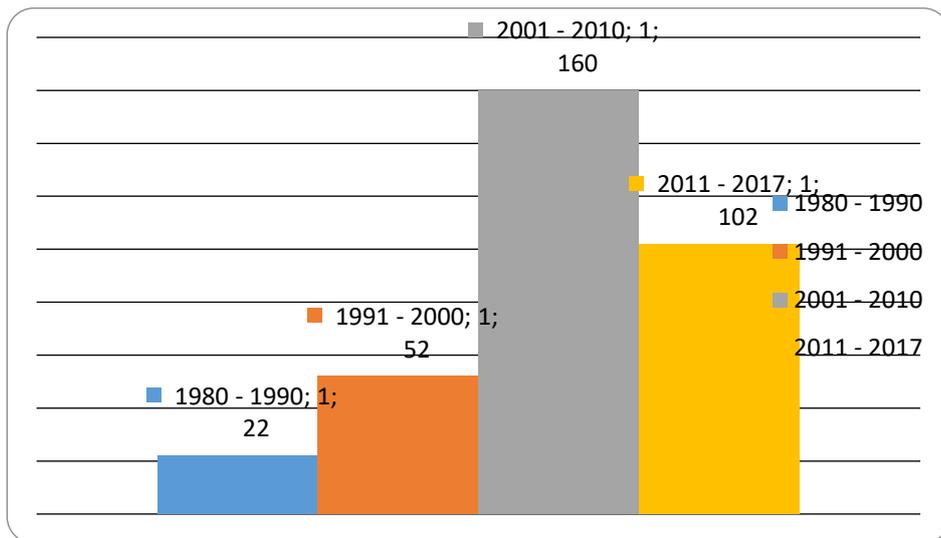
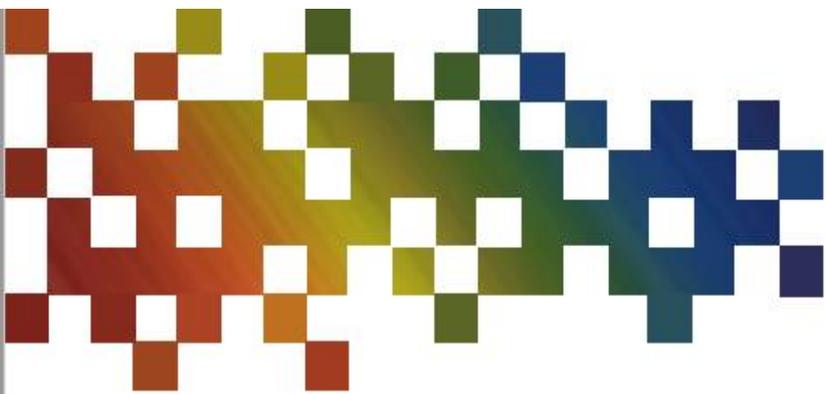
Em outros levantamentos, buscando os sites e Bibliotecas Digitais e Repositórios Institucionais Digitais⁵ como: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú (2017), Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp (2017), Biblioteca do Museu Nacional / UFRJ (2017), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD da UFG (2017), Repositório Institucional universidade de Brasília - UNB (2017) e Repositório Institucional - UFSCar (2017) foram encontrados, para o período de 1980 a 2017, **336** Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado **específicas** sobre descrição de línguas indígenas⁶. Os resultados dessa pesquisa estão demonstrados no Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 – Demonstrativo de Publicações de Trabalhos Acadêmicos sobre Descrição de Línguas Indígenas no Período de 1980 a 2017.

⁴ GAKRAN, Nanblá. 2005. *Aspectos morfossintáticos da língua Laklãõ (Xokleng)*. Orientação: Wilmar da Rocha D'Angelis. Mestrado, Unicamp.

⁵ Os Repositórios Institucionais Digitais, por serem instrumentos mais modernos e atuais, nem sempre refletem a realidade das defesas efetivas dos trabalhos acadêmicos das instituições, principalmente as mais antigas, mas constituem, sem dúvida, importante acervo para pesquisa.

⁶ Consultamos também o banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (CAPES, 2017) e, utilizando no “link busca”, o termo “línguas indígenas”, apareceram listados 12.572 registros de trabalhos acadêmicos no período de 1987 a 2017. O grande número apresentado chama a atenção à primeira vista, mas através de uma breve observação, percebe-se que muitos dos títulos mencionados não se referiam às “línguas indígenas”, mas à linguagem e linguística de maneira geral, voltados não só para línguas indígenas, mas também para o português. Mesmo assim é um número significativo e merece uma pesquisa mais detalhada por constituir um dos repositórios digitais mais importantes do país.



Fonte Consultada: Bibliotecas Digitais e Repositórios Institucionais Digitais: Curt Nimuendajú, Unicamp e Museu Nacional, BDTD da UFG, UNB e UFSCar.

Pelo que se pode perceber no Gráfico 1, dos períodos de 2001 a 2010 e de 2011 até a atualidade, houve um crescente aumento de pesquisas acadêmicas sobre descrição de línguas indígenas. Esses dados coadunam com a informação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (2013) de que a Área de Letras e Linguística teve, no período de 2000 a 2012, um crescimento acentuado de Programas de Pós-Graduação, saindo de **66** Programas no ano de 2000 para **138** em 2012. Também se pode observar pelas listagens e repositórios das bibliotecas digitais consultadas que houve um crescente aumento dos trabalhos acadêmicos nas duas últimas décadas, saindo de **55** trabalhos por ano no período de 1987 a 2000 para **668** trabalhos anuais para o período de 2011 a 2017.

Observando o Gráfico 1, nota-se o visível crescimento do número de trabalhos acadêmicos nas últimas três décadas: um aumento de cerca de **130%** do período de 1980-1990 para 1991-2000 e mais de **208%** dos anos 1991-2000 para 2001 a 2010. Sem



dúvidas, vivenciamos, na atualidade, um “boom” nas atividades de pesquisas sobre as línguas indígenas.

Neste levantamento foi encontrado o que talvez possa ser a mais antiga publicação acadêmica disponível do tema⁷, a Tese de Doutorado de Aryon Rodrigues⁸ sobre a fonologia do Tupinambá, datada de 1958. Destacamos, ainda, nesses repositórios, **08** Dissertações de Mestrado e **03** Teses de Doutorado sobre descrição de línguas, defendidas por indígenas, refletindo um avanço nos estudos descritivos, no alcance das comunidades e na formação de pesquisadores indígenas⁹. Relacionamos estes trabalhos acadêmicos em ordem cronológica e chamamos a atenção para o que nos parece ser os primeiros trabalhos acadêmicos sobre línguas indígenas, feito por indígena; a Dissertação de Mestrado, defendida em 2001 e a Tese de Doutorado, defendida em 2006 por Maria das Dores de Oliveira, da etnia Pankararu.

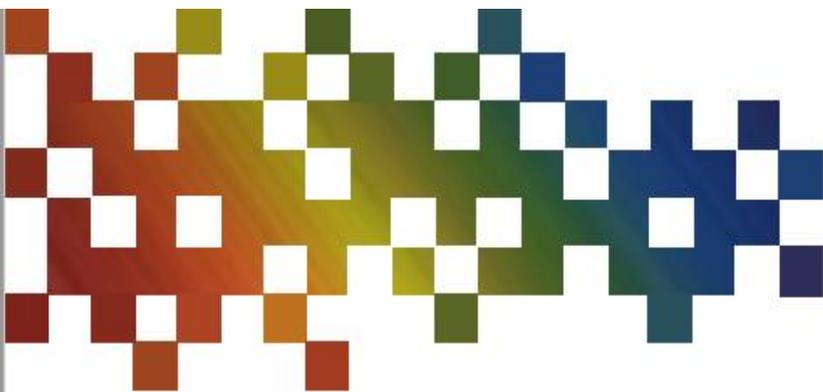
Dissertações de Mestrado:

- 2001 - Maria das Dores OLIVEIRA. **A Variação Fonética da Vibrante /r/ na Fala Pankararu. Análise Linguística e Sociolinguística.**
Orientação: Adair Pimentel Palácio. Universidade Federal de Alagoas, 2001.
- 2005 - Nanblá GAKRAN. **Aspectos morfossintáticos da língua Laklãnõ (Xoklég).**
Orientação: Wilmar da Rocha D'Angelis. Unicamp, 2005.
- 2009 - Edilson Martins MELGUEIRO. **Sobre a natureza, expressão formal e escopo da classificação linguística das entidades na concepção do mundo dos Baniwa.**
Orientação: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. Universidade de Brasília, 2009.

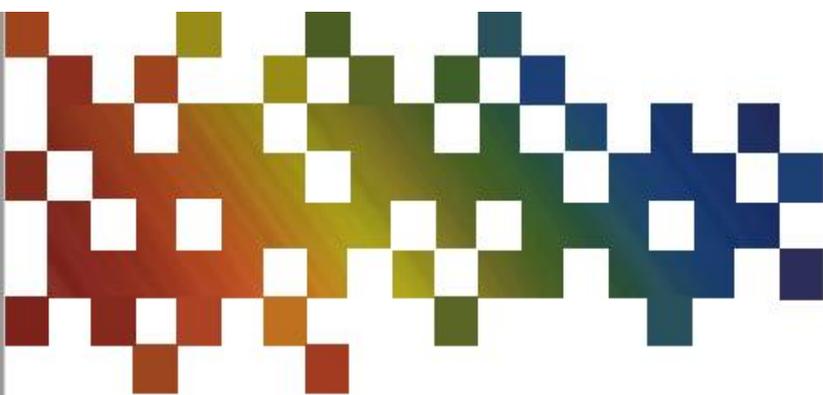
⁷ Nos Repositórios Institucionais e Bibliotecas Digitais pesquisados, não encontrei trabalho acadêmico sobre descrição de línguas indígenas anteriores a este.

⁸ RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1958. *Phonologie der Tupinambá-Sprache*. Orientação: Otto von Essen. Doutorado, Universität Hamburg.

⁹ Acreditamos que existam muito mais trabalhos e pesquisas linguísticas realizados por indígenas, mas que não estão disponíveis ou não foram encontrados nos repositórios utilizados como fontes neste artigo.



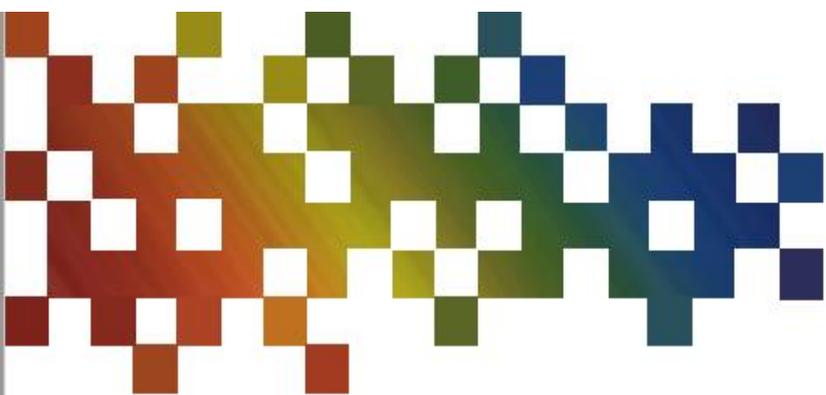
- 2010 - Aisanain Páltu KAMAIWRÁ. **Uma análise linguístico-antropológica de exemplares de dois gêneros discursivos Kamaiurá.**
Orientação: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. Universidade de Brasília, 2010.
 - 2010 – Mutua MEHINAKU. **Tetsualü: pluralismo de línguas e pessoas no Alto Xingu.** Orientação: Bruna Franchetto. Museu Nacional/UFRJ, 2010.
 - 2011 - Joaquim Paulo de Lima KAXINAWÁ. **Confrontando registros e memórias sobre a língua e a cultura Huni Kui: de Capistrano de Abreu aos dias atuais.** Orientação: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. Universidade de Brasília, 2011.
 - 2012 – Warý KAMAIURÁ. **Awetí e Tupí-Guaraní, relações genéticas e contato linguístico.**
Orientação: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. Universidade de Brasília, 2012.
 - 2014 – Kaman NAHUKUA. **Um outro olhar sobre o nome em Nafukuá-Kalapálo, uma das línguas Karib faladas no Alto Xingú.**
Orientação: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. Universidade de Brasília, 2014.
- Teses de Doutorado:**
- 2006 - Maria das Dores OLIVEIRA. *Ofayé, a língua do Povo do Mel. Fonologia e Gramática.*
Orientação: Januacele Francisca da Costa e Adair Pimentel Palácio. Universidade Federal de Alagoas, 2006.
 - 2015 - Aisanain Páltu KAMAIWRÁ. **O kwaryp de Kanutari: uma abordagem linguística e etnográfica.**
Orientação: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. Universidade de Brasília, 2015.
 - 2016 - Warý KAMAIURÁ. **Awetýza Ti'ingatú: Construindo uma Gramática da Língua Awetý, com Contribuições para o Conhecimento do seu Desenvolvimento Histórico.**
Orientação: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. Universidade de Brasília, 2016.



Desafios da Pesquisa/Descrição com Línguas Indígenas

Como se pode perceber, mesmo diante de tamanha diversidade e de possibilidades, temos uma pesquisa tímida e “esparramada” dos estudos descritivos das línguas indígenas e, apesar do crescimento e avanço nas produções, do aumento do número de programas de pós-graduação e da formação de pesquisadores, as pesquisas ainda esbarram em entraves e desafios, dentre os quais, destacam-se:

- A falta de interesse dos novos pesquisadores pelo tema – causado, talvez, pelas dificuldades do estudo, pelo acesso ao campo de pesquisa e estereótipos diversos;
- A carência de financiamentos para pesquisa de campo;
- O desconhecimento de técnicas de coleta, registro e análise dos dados linguísticos;
- A falta de um banco de dados e disponibilização de referência. A maioria das referências e informações estão em forma de dissertações e teses e ainda se tem dificuldades de encontrá-los na forma digital;
- O tempo exigido pelos Programas de Pós-Graduação e instituições como CAPES e o Conselho Nacional de Pesquisa - CNPQ para fazer Mestrado e Doutorado, diante da complexidade da pesquisa;
- A difícil anuência das comunidades indígenas – levadas, muitas vezes, pela falsa ideia de que quando já tem um linguista, pesquisando a língua, não é necessário outro e ou, ainda, pela expectativa de que os pesquisadores das línguas, de agora em diante, devem ser exclusivamente os próprios indígenas;
- O aval dos órgãos reguladores como a Fundação Nacional do Índio - FUNAI, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, os Comitês de Ética em Pesquisa com Seres humanos – CEP/Humanidades e o CNPQ.

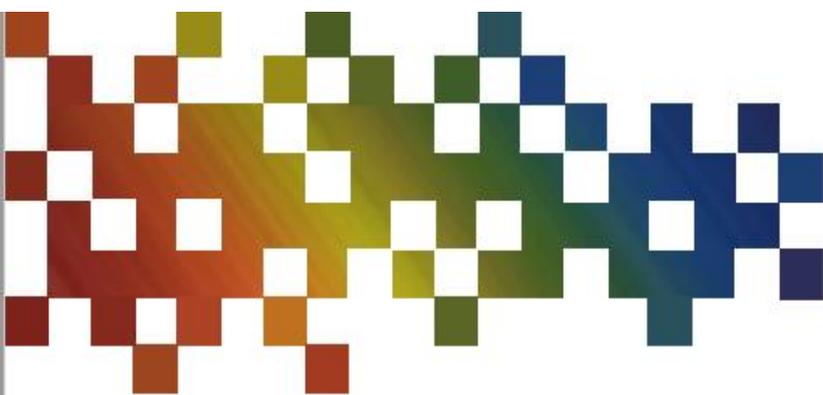


Para Aryon Rodrigues (2005, p. 36), a pesquisa de campo com línguas indígenas demanda uma boa formação, percepção etnológica e dedicação continuada dos pesquisadores. Segundo ele, “embora o número de pesquisadores venha crescendo, este crescimento não se correlaciona diretamente com a cobertura das necessidades mais urgentes da pesquisa com as línguas indígenas”. Sobre a formação de pesquisadores, há como é do conhecimento da comunidade acadêmica, uma carência de cursos e treinamentos voltados para técnicas de pesquisa de campo; de discussões acerca de referenciais teóricos e metodológicos, a fim de possibilitar, como declarou Seki (1999, p. 288), “a convivência e cooperação tendo em vista um objeto comum – a investigação das línguas indígenas, sem prejuízo da qualidade”.

Nesse sentido, novas perspectivas como programas e projetos “guarda chuva”, agregando pesquisadores, bem como a formação grupos de estudos a exemplo dos Estudos de Línguas Tupi, Macro-Jê e outros têm estimulado o ingresso de novos linguistas e fomentando as atividades de pesquisas.

Também, é necessário pensar na criação e manutenção de banco de dados para facilitar a coleta, registro, socialização e utilização das informações linguísticas. Alguns projetos como o PRODOCLIN (Projeto de Documentação de Línguas Indígenas) - Museu do Índio RJ, e o Atlas Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil – LALLI, UNB têm surtido efeitos positivos no estabelecimento de novas trilhas para os pesquisadores.

É preciso ressaltar o pioneirismo e dedicação de muitos profissionais brasileiros que, diante de tantos obstáculos, continuam se dedicando aos estudos descritivos, às pesquisas linguísticas e implantando, em suas instituições, programas de formação de pesquisadores indígenas. Hoje, em quase todas as Universidades Federais existe, de alguma maneira, estudos envolvendo as línguas indígenas brasileiras. Destacam-se também, neste pioneirismo, as Universidades que têm Cursos Superiores de Formação de Professores Indígenas como a Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT Universidade Federal de Goiás – UFG, a Universidade Federal de Roraima – UFRR, a Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.38.1, p. 01-192, maio-agosto.2018.



universidade Federal do Amazonas – UFAM e a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UFMS.

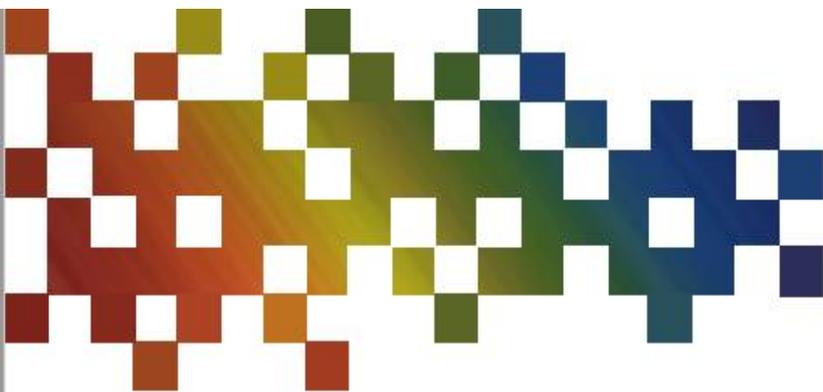
Considerações finais

Como mencionado, há no Brasil, em especial em Mato Grosso, um campo vasto para pesquisa linguística com línguas indígenas. Pelo que foi demonstrado, as pesquisas avançaram muito nas duas últimas décadas e, conseqüentemente, foi crescente o número de línguas indígenas estudadas nas produções acadêmicas, envolvendo, em especial, as descrições linguísticas.

Mas, as dificuldades apresentadas são inúmeras e vão desde a formação dos novos pesquisadores, à luta contra o tempo imposto pelas instituições que regulamentam os Programas de Pós-Graduação, no entanto, é preciso ir além. Só para se ter uma ideia, há em Mato Grosso mais de 10 Instituições de Ensino Superior com cursos de Letras em modalidade ensino presencial e EAD, mas os programas e pesquisas voltados para linguística e ensino de línguas indígenas ainda são diminutos. Ressaltam-se os esforços dos pesquisadores e formadores da Faculdade Intercultural Indígena – UNEMAT, também na formação de pesquisadores indígenas no Estado de Mato Grosso.

Os estudos sistemáticos, a descrição e a documentação das línguas étnicas são necessários e urgentes para as novas propostas educacionais, as quais são pleiteadas pelas comunidades indígenas e garantidas, em algumas instâncias, pelas legislações nacionais. É preciso avançar nas pesquisas e na formação de linguistas pesquisadores com percepção etnológica, como defendia Aryon Rodrigues.

Também, se faz iminente a promoção de ações que fomentem junto aos povos indígenas condições para continuar transmitindo e vivenciando suas línguas étnicas para



as futuras gerações. Assim, estaremos efetivamente contribuindo para a manutenção da diversidade linguística brasileira.

Referências

BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES - CAPES. *Banco de Teses e Dissertações*. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>. Acesso em 10 de junho 2017.

BARBOSA, Henriane. Línguas Indígenas: riqueza da nação brasileira. *Senatus* (Cadernos da Sec. de Informação e Documentação) vol. 3, nº 1, p. 54-59. Brasília: abril, 2004. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/70305> . Acesso em 23 de junho de 2017.

BIBLIOTECA DIGITAL CURT NIMUENDAJÚ. *Teses e Dissertações 'on line'*. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/index:teses>. Acesso em 13 de junho de 2017.

BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES – BDTD-UFG. *Línguas Indígenas*. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/>. Acesso em 28 de junho de 2017.

BIBLIOTECA DO MUSEU NACIONAL / UFRJ. *Depósito de Teses e Dissertações*. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/biblioteca/deposito-de-teses-e-dissertacoes/>. Acesso em 14 de junho de 2017.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. *Documento de área 13 - 2013*. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Letras_Linguistica_doc_area_e_comiss%C3%A3o_block.pdf. Acesso em 13 de julho de 2017.

HAGÉGE, Claude. **Não à Morte das Línguas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo Demográfico – 2010 – Características Gerais dos Indígenas – Resultados do Universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disp. em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/95/cd_2010_indigenas_universo.pdf f Acesso em 16 de julho de 2017.



MOORE, Denny; GALUCIO, Ana Vilacy; Gabas Júnior, Nilson. *O Desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas*. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/media%3Aset2008/moore_2008_desafio.pdf. Acesso em 22 de junho de 2017.

MORI, Angel Corbera. Teses e Dissertações sobre Línguas Indígenas Apresentadas no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL – UNICAMP): período 1977-2008. *Liames*, Campinas, v. 7, nº1, p. 109-123, 2007.

REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP. *Línguas Indígenas*. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/simple-search?query=1%C3%ADnguas+ind%C3%ADgenas&filtername=subject>. Acesso em 14 de junho de 2017.

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Línguas Indígenas*. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/>. Acesso em 26 de junho de 2017.

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL UFSCAR. *Línguas Indígenas*. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/> Acesso em 26 de junho de 2017.

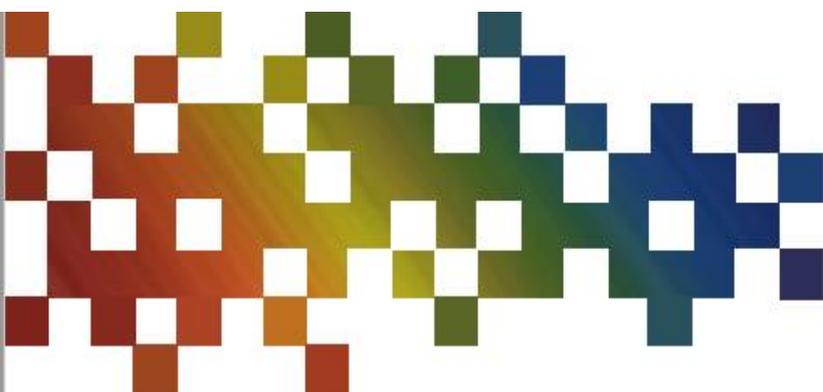
RODRIGUES, Aryon D. Tarefas da Linguística no Brasil. *Estudos Linguísticos* (Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada), vol.1, n.1, p. 4-15 – Julho de 1966. Disponível em: Biblioteca Digital Curt Nimuendaju - http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues_1966_tarefas Acesso em 20 de junho de 2017.

_____. Macro-Jê. In: DIXON, R.M.W. & AIKHENVALD, A.Y. (Org.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 164-206.

_____. Sobre as Línguas Indígenas e sua Pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura*. Vol. 57, nº 2, p. 35-38. São Paulo: abril/junho 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a18v57n2.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2017.

_____. Endangered languages in Brazil – Línguas em perigo de extinção no Brasil. *Revista D.E.L.T.A.* Vol. 30, nº 3 – Número Especial, p. 447- 463. São Paulo: 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v30nspe/0102-4450-delta-30-spe-0447.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2017.

SANTANA, Áurea Cavalcante & DUNCK-CINTRA, Ema Marta. *Diversidade e Políticas Linguísticas: uma experiência com os Chiquitano do Brasil: Cuiabá (MT)*,



EDUFMT - Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 2009 – 84p. – (Coletânea Educação Escolar Indígena; v.3).

SEKI, Lucy. A linguística Indígena no Brasil. D.E.L.T.A, vol.15, nº Especial, p. 257-290. EDUC: São Paulo, 1999.

_____. *Línguas Indígenas do Brasil no Limiar do séc. XXI*. Impulso, vol. 12, nº 27, 2000 (edição sobre os 500 anos do Brasil), p. 233-256. Disponível em:
http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/Fevereiro/linguas_indgenas_do_Brasil_no_limiar_do_sculo_XXI.pdf.